EVOCAÇÕES

RAIMUNDO DE LAVOR

Á sombra do verde-negro da *Serra dos Urubus*, nos recessos da mata pontilhada de palmeirais bravios, onde a araponga faz repercutir o seu grito metálico e estridente — na povoação de São José de Uruburetama, antiga vila da Imperatriz, hoje pela nova toponímia denominada — Arapari — banhada pelas águas perenes do riacho que contorna os seus flancos de argila avermelhada, aí, na vila da Imperatriz, actualmente reduzida a escombros evocadores de sua grandeza e pujança passadas, teve início — há cem anos decorridos — a existência de Luís António de Lavor, filho do capitão António Manuel de Lavor e de sua mulher da. Maria de Santana Castro Lavor.

Rebuscando os arquivos eclesiásticos de tão recuadas eras, não encontrámos, nos livros paroquiais daquela freguesia, o assentamento do baptismo de Luís, mas temos absoluta certeza de de que ele nasceu a 9 de Fevereiro de 1847, foi baptizado pelo vigário colado, Cavaleiro da Ordem de Cristo, padre Luís António da Rocha Lima, falecido, este, a 16 de Outubro de 1863 e sepultado dentro da matriz, como era usança do tempo, condenável e anti-higiénico.

Foram padrinhos de Luís António de Lavor o tenente-coronel da Guarda Nacional António José dos Santos e sua mulher da. Margarida Antónia Alves, irmã do coronel Bento António Alves, chefe liberal de grande nomeada naquele rincão.

Aquela milícia cívica foi criada pelo Governo Imperial a 18 de Agosto de 1831.

Arapari, quando no apogeu de sua superioridade, regista,

em sua História, factos inesquecíveis, dignos de serem rememorados.

Para melhor elucidação de um dos mais importantes, vamos transcrever o que sobre ele já dissemos, há 7 anos passados:

> — "A palavra falada, por mai^{s} electrizante que seja, tem quase sempre a vida efémera das rosas de Malherbe; desaparece vertiginosamente, com a fugacidade dos meteoros, por entre o tumultuar do pensamento e os rasgos da eloquência, logo depois de proferida, ao contrário da palavra escrita, que perdura, indelével, através das idades, como testemunho imorredouro do mérito ou do demérito, do valor ou do desvalor daquele que a grafou, em dadas circunstâncias.
>
> *Verba volant, scripta manent* — asserta o provérbio: as palavras voam, os escritos ficam.
>
> Decorrem hoje — 2 de Outubro deste ano da graça de 1939 — 115 anos que a Câmara Municipal da então vila de São José de Uruburetama, antiga vila da Imperatriz, situada num dos cocurutos da *Serra dos Urubus*, se reuniu em sessão magna, para aderir ao surto revolucionário da *Confederação do Equador*, que vinha empolgando, no mesmo laço moral de solidariedade, 4 das Províncias do velho Império: Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco.
>
> Até aqui, nada de notável, nada de excepcional. Era um pugilo de homens livres abraçando públicamente um ideal político, era a *matutada* de minha terra, vibrando de emoção e de entusiasmo, pelo seu órgão mais importante — a *Vereação*, hipotecando, sob juramento, o seu apoio e a sua cooperação aos fulgores do lema patriótico — *Religião — Independência — União — Liberdade*, que lampejava, por entre as cores sugestivas da bandeira adoptada pelos sonhadores repúblicos.
>
> Naquela época tão recuada de nossa História política, desconhecia-se ainda o apodrecido velacho —

em toda emergência — hoje tão em voga pela desfarçatez dos adesistas incondicionais de qualquer sol que se erga no levante da politicalha.

Pena é que não nos tivesse sido possível, apesar de nossa boa vontade, reconstituir, na íntegra, todos os dizeres do anoso e bolorento documento de que nos ocupamos aqui, onde o povo de minha aldeia, em 1824, fazia sua adesão à *Confederação do Equador*, cujo autógrafo passámos ao *Muzeu Histórico do Ceará*, dirigido pelo operoso e infatigável perquiridor das letras históricas — Dr. Eusébio de Sousa.

Para esse insucesso concorreram diversos factores: os estragos produzidos pelo *cupim*, a péssima e falha caligrafia da pessoa que o redigiu, o cancelamento de 3 linhas na parte mais importante do documento e de 3 das assinaturas nele contidas, como ainda os riscos verticais feitos no corpo do respectivo *Termo*.

Fracassado o movimento revolucionário, morto heróicamente, na margem do *Santa Rosa*, Tristão Gonçalves, o expoente máximo da coragem cívica, fuzilados alguns dos patriotas apologistas do nascente credo político, amorteceu, muitíssimo, o ardor reinante pelo bom êxito do empreendimento republicano.

Entre os 18 — inclusive o escrivão — que figuraram e subscreveram o *Termo de veriação* e juraram, talvez, "dar a última gota de sangue para manter e ser fiel à *Confederação*" e "fazer crua guerra ao dispotismo imperial" apareceram timoratos e pusilânimes que não trepidaram em procurar inutilizar o famoso documento, em cuja orla se lêem, como justificativa do atentado, as palavras: *riscado raspado* e que bem podia ter sido também a sua sentença de morte!

"TERMO DE VERIAÇÃO EXTRAORDINARIA

Aos dois dias do mez de outubro de mil oito cen-

tos e vinte quatro annos nesta Villa de São José da Uruburetama Comarca do Ciará grande nas Casas da Camara que servem de passos do Conselho onde foi vindo o Juiz Ordinario Presidente Pedro Barbosa Maciel e os veriadores Agostinho Vieira de Azevedo Pedro Ferreira Junior e o Capitão José de Oliveira Cavalcante Luiz Tomé Rodrigues commigo Escrivão da Camara ao diante nomiado para o fim de se fazer veriação extraordinária para que digo extraordinaria com adjunto de povos e Pessoas nobres e assentarem o que se devia concordar sobre o juramento que farião prestar ahi tãobem presente Clero Nobreza e povo e sendo ahi propondo a dita Camara a este Nobre Congreso concordarem o modo necessario porque se devia proceder o jura^{m}ento que fo^{s}semos a prestar sobre a liberdade das quatro Provincias unidas, *(neste ponto foram canceladas 3 linhas, tornando-se totalmente ilegíveis)*, Clero Nobreza e Povo dissolver esta seção athe se participar ao Illustrissimo Presidente do Governo o estado actual das cousas e athe deliberar o que for justo do que para constar mandarão fazer este termo em que assignarão e eu Joaquim Silvestre da Fonseca Prata escrivão que o escrevy

Pedro Barbosa Maciel
Agostinho Vieira de Azevedo
Pedro Ferreira Junior
José de Oliveira Cavalcante
Luiz Thomé Rodrigues (*)
. . . . . (**)
Anastacio Francisco Braga
Cancelada esta assinatura

(*) Luís Tomé Rodrigues, tio, pelo lado materno, do general Manuel Tomé Cordeiro, foi assassinado com um tiro de pistola, à noite, quando artavessava uma das ruas da vila, com uma vela acesa na mão. Este facto nos foi relatado, há poucos dias, pelo nosso velho amigo, quase nonagenário, capitão António Tomé da Cunha Linhares, residente naquelas paragens.

(**) A linha em branco devia ter sido ocupada, o que não foi feito, com a assinatura do escrivão da Vereação, Joaquim Silvestre da Fonseca Prata.

Antonio Telles de Menezes
Pe. Francisco Rodrigues Barbosa
Francisco Manoel Alves (***)
Antonio Rodrigues Magalhães
Pe. Francisco Rodrigues Barbosa
José de Agrella Jardim
João de (ilegivel) Maciel
Cancelada esta assinatura
João José da (ilegivel)".

Na noite de 3 de Novembro de 1843 o tristemente célebre António Ferreira Braga Conduru, cercado de profissionais do crime, conduzindo uma moça de 14 anos de idade, de nome Francisca Gonçalves Rabelo, filha do casal Daví Gonçalves Rabelo e de sua mulher da. Verónica Maria de Castro, bateu à porta da casa de residência do vigário Luís António da Rocha Lima, coagindo o mesmo a celebrar o casamento da referida moça com o cangaceiro José Lourenço da Silva, filho de Isidoro Leite da Silva, ambos sequazes de Conduru.

Desse acto nulo e da pressão revoltante exercida sobre o inerme pároco, deixou o *padre Luís*, como era comumente tratado, um assento, o qual muito honra e dignifica a sua memória.

Por maiores e mais cuidadosas que tivessem sido nossas deligências, não nos foi possível descobrir, na poeira dos arquivos, aquele famoso documento.

— Nas eleições primárias de 3 de Novembro de 1856 não foram sòmente as igrejas de Sobral e de Santana que tiveram suas naves tingidas pelo sangue. A matriz de Arapari teve, também, o seu pavimento salpicado de sangue por ferimentos e espancamentos de muitas pessoas e a morte de um votante liberal por um soldado.

Quando menino, ouvimos nosso avô paterno relatar, por diversas vezes, aquelas arrancadas da *democracia do cacete e do trabuco*, mas nunca nos passou pela mente que, depois de de-

---

(***) O Capitão Francisco Manuel Alves ou o velho Chico Manuel do Açude, como foi geralmente conhecido, na redondeza, era bisavô da senhora do Dr. José Acióli.

corridos tantos anos, tivéssemos de referí-las aos nossos concidadãos!

Meu avô serviu à escrivania dos pleitos eleitorais da época e relatava sempre episódios da eleição do Dr. Raimundo, que era o Juiz de Direito da Comarca, e das perturbações da ordem havidas por ocasião da votação.

O Dr. Raimundo, conservador desabusado, afeito às lutas e tricas políticas, filho do velho *Leão do Norte* e homem destemido, costumava retemperar suas energias com alguns tragos de *brandy*. Era pai do Dr. José Maria de Albuquerque Melo, chefe político de grande prestígio em Pernambuco, assassinado a 4 de Março de 1894, em uma secção eleitoral, à rua dos Caldereiros, bairro São José, na capital recifense.

— Refere o padre Carlos Augusto Peixoto de Alencar, no seu *Itinerário* da visita pastoral de D. Luís António dos Santos ao norte do Bispado, no ano de 1862, que foram condignamente recebidos e acolhidos na vila da Imperatriz, actual Arapari.

A posse de d. Luís, depois marquês de Monte Pascoal, 1º. bispo do Ceará, teve lugar no dia 29 de Setembro de 1861.

Infelizmente não nos foi possível reconstituir as páginas desse folheto, hoje raro, estragadas pelo *cupim*, onde se encontravam os retalhos das duas mensagens de boas-vindas, uma apresentada pela Câmara Municipal de então e a outra pelo professor primário, capitão Raimundo Vóssio Brígido dos Santos, à frente de seus alunos.

Luís António de Lavor foi um dos discípulos do professor Raimundo Vóssio Brígido e, por ocasião da chegada de D. Luís, recitou, com diversos outros colegas, versos escritos em papel verde, atribuidos à autoria do padre José Rodrigues Pinto Brasil, que sucedeu ao vigário Luís António da Rocha Lima.

Não nos furtamos ao desejo de grafar, nesta parte, o verso recitado pelo aluno Luís António de Lavor:

"O' Salvador dos Santos Reis,
Maria Antónia dos Santos!
Produziste um bello fruto,
Dom Luís António dos Santos".

O professor Raimundo Vóssio Brígido, um dos homens

que, com sua inteligência e cultura, serviram com proficiência aquelas paragens, de onde se retirou, muitos anos depois, cheio de acerbas desiluções, vítima das perseguições soezes da politiquice aldeã, concorreu, sobremodo, com o coeficiente do seu preparo e ilustração, para o amanho intelectual da mocidade de então, naquela região cearense. Dessa mocidade fazia parte o rapazinho Luís António de Lavor.

No *Itinerário* já referido, diz ainda o padre Carlos:

> "Já virão os leitores, que ácerca dos Templos ha na Iperatriz a matriz e o nicho do Menino-Deus; a matriz não é pequena; mas está ainda por acabar e precisa de camisa lavada; o nicho, porém sendo obra de piedade e devoção de uma mulher (tive o esquecimento de não tomar o seo nome) está decente; mas nada tem de paramentos. A fundadora já não existe"...

Cabe-nos, agora, ressalvar aqui o perdoável esquecimento do padre Carlos: — a piedosa devota, da qual fala tão cheio de unção evangélica, chamava-se Joana Alves de Moura, conhecidíssima em toda cercania pelo diminutivo de *Joaninha*, era bisavó, pelo lado materno, da mulher do que escreve estas linhas, memorando um longínquo passado.

— Animadíssimos corriam todos os festos natalinos em Arapari.

Relatava, testemunha insuspeita, que o novenário começava ao anoitecer na matriz e terminava no nicho do Menino-Deus; durante todo santo dia os sinos bimbalhavam festivamente acompanhados por toques de caixa e de pífaro, executados por dois velhos africanos, enquanto a roqueira estrugia, incessante, pelas quebradas da serra, perdendo-se, às vezes, dentro do *matapasto*, devido ao violento impulso exercido pela deflagração da pólvora.

Muitos anos depois é que o capitão Manuel de Melo Montenegro, filho de Pernambuco, negociando com aquela praça, de lá importava barricas e barricas de foguetes e caixas contendo *balões* de papel de seda, cousas, na epóca, desconhecidas no interior do Ceará.

Transferidas da vila da Imperatriz, localizada em cima da serra — actual Arapari — as sedes da Comarca e da Freguesia para o incipiente povoado de Itapipoca, nome primitivo que depois da República voltou a ter a Comarca de Imperatriz, foi desaparecendo, vertiginosamente, aquele grande e populoso núcleo serrano, cedendo lugar à hoje cidade de Itapipoca, situada ao lado septentrional da serra, ao sudoeste de Fortaleza, capital do Estado.

Sua posição astronómica é a seguinte: 3° 31' 2" de latitude sul e 3° 36' 53" de long. orient., e, em tempo, 14m e 28s.

A população do Município, pelo último censo de 1940, é estimada em 49.481 habitantes.

Sua distância quilométrica para Fortaleza, pelo ramal da R. V. C., é de 138,680.

Agora, vamos transcrever *ipsis litteris et virgulis*, a acta da primeira sessão da Câmara Municipal de Itapipoca.

> "Sessão extraordinaria de 7 de janeiro de 1861.
>
> Presidencia do Senhor Antonio José dos Santos
>
> As 9 horas da manhã achando-se reunidas na Casa da Comarca Municipal cinco Senhores Vereadores abaixo assignados, e tomando todos os seus assentos, sem precedencia; o Senhor Presidente declarou aberta a sessão pelas palavras — Abre-se a sessão—
>
> Declarou o Senhor Presidente que o motivo da presente sessão hera o de ter de cumprir o disposto nos artigos 17 da Lei de 1.° de Outubro de mil oito centos e vinte e oito e sete das Instruções do primeiro de Dezembro do mesmo, que determinão que no dia de hoje sejão impossados os novos Vereadores e Juizes de Paz, e de facto forão impossados depois de juramentados os Senhores Vereadores Antonio José dos Santos, Manoel de Mello Montenegro, Luiz Francisco Braga, Domingos Francisco Braga Sobrinho, Joaquim Antonio de Freitas, Antonio Ferreira de Andrade Filho, José Joaquim de Souza; assim forão impossados tão bem e juramentados o primeiro e quarto Juizes de Paz do Distrito desta Villa os Cidadãos João Francisco Braga e Raymundo Vóssio Brí-

gido dos Santos, bem como foi impossado e juramentado o segundo Juiz de Paz do Distrito do Mundaú o Cidadão Manoel Ferreira dos Santos, e igualmente foi tãobem impossado e juramentado o primeiro Juiz de Paz do Districto de Santo Antonio o Cidadão Vicente Paz de Avila.

E tendo-se concluido os trabalhos da presente Sessão o Senhor Presidente pôs a presente Acta em discussão, que foi approvada pelo que o mesmo Senhor Presidente declarou feixar a Sessão pelas palavras — Feixa-se a Sessão — do que para constar se lavrou a presente Acta em que assignarão. Eu Antonio Manoel de Lavor, Secretário da Camara a Escreveo.

Santos — P. Souza. Braga. Thomé Roiz. Mello Montenegro".

Sem ter tido entrada em nenhum estabelecimento educacional, o que era de difícil aceˢso naquela epóca, na própria capital da Província, onde escasseavam as casas para instrução da mocidade, Luís António de Lavor, já adolescente, teve apenas os conhecimentos que lhe ministrou o professor Raimundo Vóssio Brígido dos Santos.

Foi, entretanto, um ledor infatigável de jornais até a velhice; perlustrou a "História de Cantu"; folheou as estâncias do grande épico lusitano e manuseou as estrofes cheias de lirismo de Tomás Gonzaga, na soberba colectânea — *Marília de Dirceu.*

Dessa leitura revigorante e sadia, focalizava, com precisão e segurança, factos interessantes dela auridos e respigados.

Como amigo, foi sempre tido como dos mais estimáveis e sinceros e como pai de familia ainda hoje é apontado, pelos seus coevos, como dos mais exemplares.

Como servidor público sempre primou pela correcção impecável do seu proceder: o mesmo peso e a mesma medida para todoˢ — quer se tratasse de amigos, correligionários ou adversários.

Proverbial era a sua honradez e sempre tido como honestíssimo, entre os que com ele privavam.

Dessas qualidades primaciais dão o seu testemunho, na terra em que vivera e consumira grande parte de sua existência, todos os que ainda lhe sobrevivem.

No *Folheto Histórico da Matriz de Itapipoca,* em *Página comemorativa,* às folhas 149, assim se expressou sobre ele o padre Antero José de Lima, que curou àquela freguesia por mais de 6 lustros:

> "Tenente Luiz Antonio de Lavor —
>
> Este prestimoso cavalheiro admiravelmente auxiliou-me. Além de ˢuas diversas esmolas, devo-lhe a boa ordem que mais ou menos se observa na escripturação de todo o movimento do serviço da Igreja, e nomeadametne na parte que respeita á Inscripção popular".

Padre Antero, foi o homem que, em Itapipoca, durante o seu longo paroquiato, mais trabalhou pelo engrandecimento político, moral e material daquela terra, que adoptou como sua própria.

Em atenção aos serviços prestados pelo padre Antero á vizinha cidade de Arraial, hoje Uruburetama, a cuja freguesia também prestou relevantes serviços, lá se encontra o *Grupo Escolar Monsenhor Antero,* quando, em Itapipoca se vê apenas o seu retrato a óleo no consistório da matriz, por ele construída, desde os seus fundamentos, como uma pequenina homenagem da colónia itapipoquense domiciliada nesta capital, ali colocado a 31 de Dezembro de 1941, data de seu nonagésimo sexto aniversário de nascimento, verificado na vila sertaneja de Arneirós, em 1845.

Há bem pouco tempo, em uma grande festividade religiosa, em Itapipoca, lembraram também monsenhor Antero colocando em uma das faces laterais de um monumento, erigido no patamar da matriz, um medalhão decorativo representando o velho vigário.

Essa pálida homenagem, porém, força é confessar aqui, está muito aquém do mérito e do valor daquele — por todos os títulos — abnegado e venerável sacerdote.

—Luís Antônio de Lavor casou aos 26 anos de idade com

Virgínia Antónia da Justa Cordeiro, filha do capitão José António Cordeiro e de da. Antónia Rosa da Justa Cordeiro, a 18 de Setembro de 1873 e desse enlace consta, às folhas 77 do livro número 6 de casamentos da freguesia, o assentamento seguinte:

> "Aos desoito de setembro de mil oito-centos setenta e tres em casa de residencia do capitão José Antonio Cordeiro, precedendo as formalidades de Direito, em minha presença e das testemunhas coronel Bento Antonio Alves e Marcos de Pontes Franco Junior, se recebeu em matrimonio Luiz Antonio de Lavor filho legitimo de Antonio Manuel de Lavor e Maria de Santanna Castro Lavor, com Virginia Antonia Cordeiro filha legitima de José Antonio Cordeiro e Antonia da Justa, do que para constar fiz este assento em que me assigno.
>
> O vigário Antero José de Lima".

Enviuvou no dia 12 de Fevereiro de 1880, aos 33 anos de idade, a sobre esse facto o jornal *Cearense*, número 18, de 22 de Fevereiro daquele ano, órgão do Partido Liberal, assim se exprimiu:

> "Fallecimento. Falleceu, hontem, nesta Villa, ás 6 horas da manhã a Exma. Sra. D. Virginia Cordeiro Lavor digna esposa de nossa amigo Tenente Luiz Antonio de Lavor.
>
> A finada contava 23 anos incompletos de idade.
>
> Tendo dado á luz a uma creança, succumbiu immediatamente, deixando inconsolavel seu charo esposo, e na orphandade 4 filhinhos, inclusive o recem nascido.
>
> Ao nosso amigo Tenente Luiz Antonio de Lavor e a sua Exa. familia dirigimos nossos pesames, e fazemos votos ao Altissimo para que a alma de sua querida esposa esteja na mansão dos justos. *Et requiescat in pace.*
>
> Imperatriz 13 de fevereiro de 1880".

Faleceu nesta capital aos 78 anos de idade, no dia 17 de Fevereiro de 1925, à rua major Facundo, 476, sendo inhumado, na manhã seguinte, no cemitério local de São João Baptista.

Sobre o seu traspasse assim se manifestou o matutino *Diário do Ceará*, número 1319, de 21 de Fevereiro de 1925:

> "Fallecimento. Tte — Luiz Antonio de Lavor — Nesta capital, ás 22 e 30 de tras-ante-hontem, pagou seu ultimo tributo á matéria, o tenente Luiz Antonio de Lavor.
>
> Victimou-o uma grippe agravada pelo seu estado valetudinario.
>
> Contava o extinto 78 annos de idade e, no municipio de Itapipoca, antigo Imperatriz, de onde era natural, exercera, por longos annos, os cargos de escrivão da collectoria das rendas estaduaes e de secretario da Camara, funções que desempenhara na Monarchia e na Republica.
>
> Figura saliente da facção liberal, chefiada pelo conselheiro Rodrigues Junior, na localidade onde vivera até o anno findo, foi um dos fundadores do *Club Liberal Imperatrizense.*
>
> Em recompensa aos serviços prestados por accasião da guerra do Paraguay, dera-lhe o governo a patente de official da Guarda Nacional.
>
> De seu consorcio, com a exma. sra. d. Virginia Cordeiro da Justa, teve 4 filhos dos quaes sobrevive somente o nosso distinto amigo capitão Raymundo Cordeiro de Lavor, dgino escripturario da Repartição de Obras Publicas.
>
> A todos da familia do morto, nossas sentidas condolências".

Assim passou da vida objectiva à subjectiva o homem a quem, nestas despretenciosas linhas, rendemos este culto de amor filial, dizendo sobre o primeiro centenário de seu nascimento.

Oxalá possa também algum dos meus filhos fazer idêntico trabalho, tirando do olvido a futura passagem do 20 de Outubro de 1974.

9 — Fevereiro — 1947.